

**PELAS RUAS, NA CIDADE E NO URBANO: ASPECTOS DE
BASE LUSO-AÇORIANAS DA CONTEMPORANEIDADE DE
FLORIANÓPOLIS, SC – BRASIL**

Ewerton Vieira Machado

GCN/CFH – UFSC,Br e ICS-UL,PT

evm@cfh.ufsc.br

evmachado@ics.ul.pt

Resumo

Na perspectiva de uma “totalização geográfica” alicerçada na historicidade da produção da materialidade, diferentes arranjos sócioespaciais (M. SANTOS) se manifestam, no presente cotidiano de Florianópolis, SC (Brasil), gerando formas-conteúdos que permitem uma compreensão da relação sociedade-natureza no uso do território. Assim, neste texto, apresentamos e discutimos aspectos considerados, hoje, como relevantes para análises entre elementos presentes em processos de urbanização, direta ou indiretamente associados com estratégias de desenvolvimento turístico do lugar e/ou sua região de influência. Estas abordagens são focadas a partir de aspectos inerentes a (re)significação de traços de identidades luso-azorianas, compreendidas por “rugosidades” sob vieses do atual processo de ‘globalização’ transformado e transformante do território, num emergente “polo de expectativas” que se manifesta entre tentativas de produção de uma “vocaçãõ” para o lugar/região, em contextos brasileiros. São, portanto, reflexões que se inserem em um amplo contexto de atividades de ensino e de pesquisas (UFSC), tendo como foco a dinâmica da produção do espaço urbano/regional de Florianópolis, na contemporaneidade.

Abstract

Under the perspective of a “geographical totalization”, which has been founded in the historicity of the production of materiality, different socio-spatial arrangements (M. SANTOS) have been produced in the everyday life in Florianópolis city, resulting in form-content mappings that allow us to understand the relation between society and nature in the use of the territory. Thus, the present paper aims to discuss aspects that are nowadays considered to be relevant to the analysis of in between elements that are present in urbanization processes, being directly or indirectly associated with tourism development strategies for the place and/or region under influence. These aspects involve the (re)signification of Azorean identity traits that are understood as “marks from the past” under the current globalization process that changes and is changed by the territory. This results in an emergent “polarization of expectations” that is manifested through attempts of a place vocation in Brazilian contexts. Reflections on this issue have been promoted in a broader teaching and research context at the Federal University of Santa Catarina, Brazil, whose focus lies on the dynamics of the production of urban and regional spaces in Florianópolis nowadays.

1. Considerações Introdutórias

A cidade de Florianópolis, enquanto sede municipal e de capital estadual, pertence ao território de uma das mais dinâmicas unidades federativas brasileiras, localizada na região sul e representa, atualmente, em nível nacional, exemplo significativo de efeitos evolutivos de processos desenvolvimentistas, visíveis e impactantes, decorrentes de diferentes ações, notadamente daquelas atividades associadas com a história da sua urbanização.

Em cada momento da sua trajetória, a cidade agregou marcas, muita das quais permaneceram e ou foram refuncionalizadas, de acordo especificidades e em cada período histórico que foi dinamizando suas territorializações.

Os ritmos das transformações adquiriram intensificações, a partir de meados do século XX, quando são visíveis mudanças radicais e crescentes, tanto na parte insular como na continental, que correspondem ao território administrativo do município-capital, assim como, aos inúmeros reflexos de seu papel polarizador por uma região conurbada que passou a se configurar, pelo litoral catarinense e, de certo modo, proporcionalmente a dividir influências por toda uma hiterlândia estadual. Assim, dinâmicas da produção do espaço urbano-regional sob signos de uma “metropolização” em marcha, desencadearam comportamentos tanto demográficos como de configurações nas paisagens e nos usos do território. São práticas que vêm associadas com a inserção do lugar Florianópolis, aos ritmos nacionais e suas possíveis “conexões geográficas” do/no mundo, padrões ditos de desenvolvimento e apregoados pelas oportunidades concebidas como uma dada “vocação” aos negócios sócioespaciais.

Em tempos mais recentes, o conjunto de objetos e ações associados com discursos vocacionais para o território, predominantemente só tem fomentado articulações em que passado/tradição e presente/futuro em “modernizações” têm nas atividades urbano-turísticas, como principais possibilidades e foco de produzir um “mundo florianopolitano” sob ou para tentáculos globalizantes.

Essa condição suscita estratégias de resgate à memória que se confunde em simulacros e interesses, produzindo “espaços híbridos”, difusos, e que ganham ressignificações como uma (re)descoberta por diferentes agentes, onde o lugar ou seu conjunto de lugares, num contexto de espaço regional ou nacional, expressam retóricas desenvolvimentistas.

Especificamente, aparecem como afirmações identitárias e de interesses que, entre outros elementos têm na base luso-açorianas um sistema de valores e imagens e que constituem, em parte, suporte da produção dos negócios territoriais.

É, pois, sobre a natureza dessas dimensões que a temática pinçada neste estudo, revela as nossas preocupações e objetivos e norteiam reflexões apresentadas neste texto, cujas abordagens estão associadas às ideias de formação sócio-espacial, inspiradas em conceitos e categorias analíticas propostas pelo geógrafo brasileiro Milton SANTOS (1977 e seguintes) e que encontram em outros autores afins, pistas de suas atualizações. Este exercício, inserido nos atuais conteúdos diretamente relacionados com práticas profissionais e de formação acadêmica, como no estágio pós-doc (ICS-UL, PT), é parte significativa de abordagens a partir de uma visão de Geografia e suas possibilidades de interlocução interdisciplinar.

O fio condutor dessas inquietações continua a explorar questionamentos e análises, que se vem empreendendo já algum tempo, procurando-se refletir a contemporaneidade expressa na realidade florianopolitana, cuja efetivação depende das maneiras como, neste lugar, as especificidades de sua formação constitui a chamada “razão local” que “responde ao mundo segundo os diversos modos da sua própria racionalidade” (SANTOS, 1996: 272). Essa dinâmica entre o local e o global faz com que as paisagens tenham aparências diferenciadas e peculiares (formas heterogêneas), enquanto que suas essências estão associadas com estágios de uma lógica em movimento e temporalidades de um processo totalizador.

Mediante as condições acima expostas, considerou-se como prioritários elementos das transformações desencadeadas em Florianópolis, predominantemente durante a segunda metade do século passado e nas primeiras décadas deste século, em que se assiste significativas mudanças entre relações naquilo que caracteriza territórios rurais e territórios urbanos, como um espaço geográfico dinâmico, sob tendências desiguais e combinadas de processos de continuidades e de mudanças.

As marcas (rugosidades) da influência de base luso-açorianas (portuguesa continental e insular) nas influências da formação sócioespacial e de tradição local se transveste de atualizações, para coexistirem com os novos traços culturais (simulacros) de uma urbanização dita “plurais” e, desse modo, passa a ser (re)valorizada em diferentes pedaços da cidade (ruas, praças, localidades, etc.) como novas possibilidades de negócios, muitas decorrentes ou associadas às atividades turísticas. A relevância da reflexão presente neste estudo está no fato de permitir, através do objeto analisado desvendar algumas dimensões da totalidade globalizante, da produção do espaço florianopolitano, como serão apresentadas nas seções a seguir. Trata-se assim, de um ponto-de-chegada e que, de certo modo, aguçados por um conjunto ideias pertinentes a este evento confluirão ao aprofundamento que pode oferecer para novas formas de partidas no debate acadêmico ou dele decorrente.

2. Aspectos da dinâmica sócio-espacial de Florianópolis

Florianópolis e a sua contemporaneidade, nas considerações aqui esboçadas, compreende um conjunto de características que dão identidades de inserção do lugar/região no espaço mundial, via processos que emergem de nexos e padrões ditos de modernidades e, portanto, rearranjos de produção incorporados no território.

Reafirma-se, mais uma vez, que o fio condutor do discurso dito de modernidade, tem aproximações conceituais que tendências dos processos de globalização sugerem, para se explicar aspectos da dinâmica espacial atual e futura.

2.1. O território e a trajetória de usos

Florianópolis (antiga Nossa Senhora do Desterro, de 1651 até 1894), como lugar e sede estadual de capital e governo, sempre teve íntima relação com o mar, conforme sua localização estratégica na costa catarinense do litoral brasileiro e, de certo modo, nos contextos da própria formação nacional.

Ocupando uma porção formada por parte insular (maior) e outra num estreito continental (menor) do Estado de Santa Catarina (Fig. 1), o território florianopolitano (de cerca de 430 km²) é, hoje, intensamente ocupado mesmo sob condições legais de preservação de parte de seus recursos. Assim, sobre um rico ecossistema insular e suas relações com áreas continentais circunvizinhas, inúmeros estudos em diversas escalas, integrados ou parciais por setores de processos temáticos específicos, têm permitido avanços em mapeamentos técnicos e ou de análise das inter-relações dos elementos sócioespaciais.

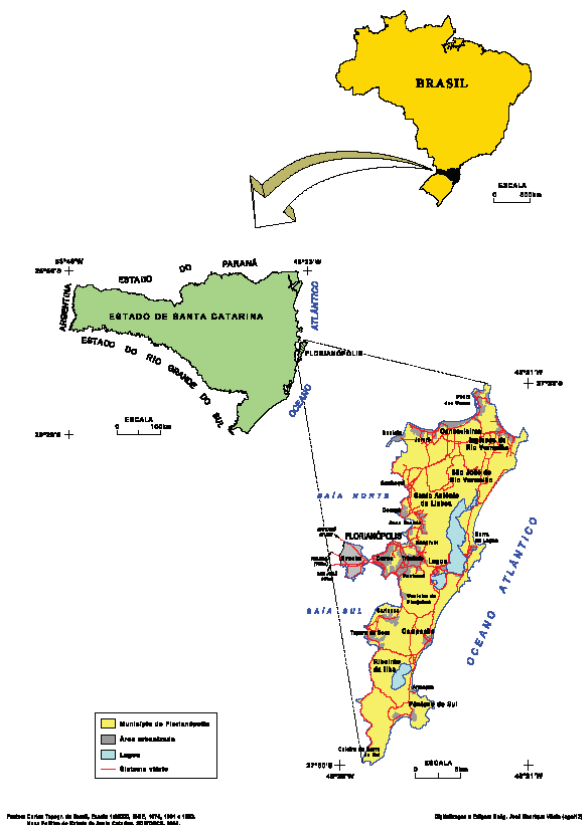
Como lócus urbano, mais especificamente associado às abordagens deste estudo, Florianópolis desenvolveu-se, predominantemente, até o início da década de 1940 sobre o território insular, com formas de usos basicamente relacionadas com pequenas atividades familiares. As atividades das também pequenas produções rurícolas abasteciam mercados locais e algumas até eram comercializadas (ex. farinha de mandioca) nas relações econômicas de circuitos marítimos, com outras praças nacionais. Muitos produtos que abasteciam as demandas locais (gêneros alimentício, madeiras, etc.) e ou eram reexportados, chegavam à capital catarinense da região serrana de Lages. A área de influência urbana da capital catarinenses durante muito tempo ficou circunscrita à região litorânea. O território do interior do estado ao norte/noroeste recebia influências de Curitiba (Paraná) e ao sul e oeste, influências de Porto Alegre (Rio Grande do Sul).

Os primeiros sintomas de modernidades na 'paisagem urbana ilha' só chegam, efetivamente, com a inauguração em 1926 da primeira ponte ligando a ilha ao continente próximo (até então local pertencente ao município de São José), abrindo perspectivas de integração entre o litoral central catarinense e o nordeste argentino (via oeste do estado), através de uma via férrea que somente ficou na intenção. A primeira ponte (Hercílio Luz) apenas promoveu o início de um lento processo de ligação entre a capital e os municípios continentais.

Aos poucos, os interesses (notadamente fundiários) pela expansão urbana em direção ao continente iam se formalizando e os investimentos, gradualmente, já não se limitavam às áreas rurais do interior da Ilha de Santa Catarina, onde estão assentadas as primeiras freguesias de base luso-açorianas, como em Santo Antônio de Lisboa (ao norte), Lagoa da Conceição (centro-leste) e Ribeirão da Ilha (ao sul), além do Distrito-sede na sua área

central, que sempre desempenhou o principal núcleo de dinamização da vida política, econômica e cultural da cidade.

Figura 1. Florianópolis no Estado de Santa Catarina – Brasil



Se na primeira metade do século passado, a cidade mergulhou em gradual decréscimo em suas atividades econômicas, por razões de conjuntura nacional e global, que favoreceu setores e ou outras cidades brasileiras, inclusive catarinenses (como Joinville, Blumenau, entre outras), somente a partir da década de 1960 é que começa, de fato, a ser percebido significativos reflexos de inserções a um ciclo de desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, a aceleração de sua população urbanizada (vide Tab. 1) que já traduzia uma tendência e contextos de uma nova lógica em curso, em nível nacional, cuja ação estatal assume fortemente todo o seu comando, inclusive, até os dias atuais.

Tabela 1. Urbanização da população de Florianópolis – Período de 1959 a 2010

Período	População Total	População Urbana	Grau de Urbanização (%)
1959*	97.827	79.870	81,64 %
1970	138.337	121.028	87,49 %
1980	187.871	161.773	86,11 %
1991*	254.941	239.566	93,97 %
2000	339.063	332.185	97,96 %
2010	421.203	405.243	96,21 %

* Anos em que foram realizadas contagens censitárias e não no início da década.

Fonte: Censos Demográficos F.I.B.G.E. – Censos Demográficos.

O crescimento demográfico sob as possibilidades acima apontadas já indicava uma perspectiva de mudanças, cuja trajetória da urbanização da população não apenas anunciava a passagem de segmentos que atuavam em áreas rurais associados à acumulação da pequena produção mercantil para as lógicas do capitalismo industrial, assim como a chegada de novas levas de pessoas, provenientes de localidades do interior do estado catarinense ou de outros estados brasileiros, que passarão a contribuir com o crescente contingente populacional de Florianópolis e sua área conurbada (Tab. 2), principalmente de municípios vizinhos. De forma ainda não tão expressiva, mas significativa em ações, assiste-se também nas últimas décadas, presenças de contingentes estrangeiros, muitos provenientes principalmente de países sul-americanos, atraídas pela difusão das potencialidades turísticas locais ou apregoadas como territórios de qualidade de vida.

O significativo crescimento populacional de Florianópolis e sua área conturbada vêm reforçar toda uma tendência que se espalha pelo litoral catarinense, devido, principalmente, à atração de migrantes que fogem de suas origens, como áreas metropolitanas nacionais (S. Paulo, Porto Alegre, etc.) por conta de condições precárias de qualidade de vida nessas origens. Assim como, fogem de muitos municípios do interior do estado, por conta de carências sociais, como ausência de políticas públicas de fixação demográfica e problemas fundiários. No interior da Ilha onde está parte do município de Florianópolis, o movimento demográfico está associado em boa parte com o potencial e demandas de lazer e turismo, que vem se caracterizando como “novas fronteiras” para empreendimentos ligados àquelas atividades ou por conta do crescente surgimento de empreendimentos imobiliários e que atraem residentes mais qualificados profissionalmente e capaz de assumir ofertas solváveis, no contexto de novos padrões imobiliários, de propriedades e de habitações. Há, assim, substituição de cenários tradicionais, onde lugares próximos as praias (balneários) perdem

originalidades, desorganiza-se estruturas comunitárias e, em muitos casos, exacerbam-se impactos por segregação, de habitat e consumos de bens e serviços, principalmente de lazer. Em relação ao mundo do trabalho, formas ditas novas se apresentam como novidades, notadamente no espaço cultural da pesca artesanal, da construção civil e aos novos empreendimentos de alta tecnologia apregoados pelo “marketing da felicidade”, que avança por todo mundo e não escapam os lugares florianopolitanos. Grande parte desse modelo induz reações, onde “o convívio entre o homem e o meio ambiente foi substituído pela homogeneização visual dos locais e perdas de referências paisagísticas e culturais” (PIMENTA, 2005: 43). Chega-se ao ponto em que muitas comunidades reproduzem o que “... pela força do consumo em termos globais leva ao abuso da palavra usuário como substituta para cidadão...” (SANTOS, 16/11/1994: 8).

Tabela 2. População de Florianópolis e dos principais municípios da Região Conurbada

Municípios	1959*	1970	1980	1991(*)	2000	2010	2012**
Florianópolis	97.829	138.337	187.871	254.941	339.067	421.203	433.158
São José	21.537	42.535	87.817	139.318	173.239	209.804	215.278
Palhoça	14.266	20.652	38.031	68.298	102.671	137.334	142.558
Biguaçu	13.751	15.337	21.434	34.027	48.010	58.206	59.736
S. Amaro Imper.	8.716	10.362	11.317	13.323	15.705	19.823	20.332
Gov. Celso Ramos	4.107	7.521	7.812	9.630	11.597	12.999	13.211

* Anos em que foram realizadas contagens censitárias e não no início da década.

**Dados preliminares da população municipal estimada, pela F.I.B.G.E, em 01.07.2012.

Fonte: Planilhas com dados da F.I.B.G.E.

Na realidade, a situação gerada pela tendência da urbanização de Florianópolis e sua aglomeração regional, torna-se preocupante por conta das intensificações nas formas irregulares de usos do solo e a crescente deterioração de condições socioambiental e sociocultural. A massificação de padrões metropolitanos sem qualquer consciência política, administrativa e comunitária dessa dimensão urbana, só tem suscitado questionamentos quanto as urbanidades e suas aplicabilidades na vida cotidiana da cidade-polo e seus espaços de influências. Consequentemente, há inúmeras perdas, dentre as quais de valores e referências históricas para novas práticas hegemônicas impostas pelos sentidos de modernidades contemporâneas,

2.2. A Cidade e as manifestações de Urbanização

Com foi dito, as ações estatais foram fundamentais no incremento das dinâmicas urbanas de Florianópolis, assim como ainda é hoje nessa cidade e da grande maioria das cidades brasileiras. Na capital catarinense, ações do Estado nacional ou de instâncias regionais estão expressas, principalmente, nas orientações de políticas territoriais de planificação, iniciadas nos anos de 1960, dinamizadas nas décadas posteriores, dando consolidação aos sintomas de metropolização e, conseqüentemente, ao ideário de um “Plano Metropolitano”, cuja intenção ainda hoje não totalmente viabilizada, sempre foi o de transformar Florianópolis num centro urbano de relevância nacional.

Ao modernizá-la (como abertura de grandes avenidas, implantação de novos aterros, construção de novas pontes de acessos ao continente, financiamentos para verticalização, etc.) e viabilizá-la diante das novas perspectivas de inserção necessárias aos investimentos estatais (implantação e dinamização de universidades como a UFSC; chegada de grandes sedes de empresas como a Eletrosul) ou investimentos privados (possivelmente pelo turismo ou segmentos de alta tecnologia, ligados ao tecnopolo), a produção do espaço inter e intra-urbano e regional adquire redimensionamentos (MACHADO, 2000).

Com efeito, busca-se sempre uma “vocaçã” local na divisão do trabalho e esta se expressará sempre, pelas atividades de serviços, notadamente aqueles ligados ao setor público estatal (o chamado “terciário superior”), que passarão a dinamizar Florianópolis enquanto sede de governo estadual através de diversos órgãos e empresas estatais, assim como nas expectativas das atividades que o setor privado ligado principalmente às atividades de turismo e afins possam empreender a esse novo polo de negócios.

Assim, as atividades turísticas entre os anos 1980/2000, indicam toda uma tendência de “descontroles” nas formas de ocupação e usos do solo, iniciados já em décadas anteriores. Estes elementos marcarão a aceleração de muitos dos tentáculos de urbanização e, Florianópolis nas últimas décadas já não se explica apenas através das áreas centrais da ilha (núcleo original da centralidade urbana e de base colonial) e ou continente próximo, ou das suas remanescentes sedes de freguesias no interior da Ilha de Santa Catarina.

Surgem então, possibilidades de dinamizar um novo padrão de desenvolvimento local/regional, agora também apregoado não apenas pelas perspectivas das atividades de turismo, assim como pelas novas oportunidades que advém pelo dinamismo acadêmico e industrial, a partir do meio-técnico científico informacional, em especial por grupos emergentes de empresas atuando sob a influência e ou comandos de grupos com orientações emanadas principalmente da UFSC.

No território insular com ecossistemas frágeis e de transição entre zonas tropical e subtropical brasileira, as modalidades de expansão urbana (formas-conteúdos) sobre essas áreas (favelização em encostas, aterros, loteamentos em dunas, etc.) assim como as novas dinâmicas de atividades nos negócios turísticos induzirão, gradativamente, novos padrões culturais sobre as tradicionais comunidades de base luso-açorianas. Aquelas localidades de tradição no povoamento rural local, conforme menciona Monteiro (2005: 5) sobre descrições de habitats encontrados em Florianópolis e documentados por Mamigonian (1958) a respeito de tipos de arruamentos rurais, que até recentemente eram consideradas pouco relevantes para contextos industriais de urbanização, se comparadas às marcas de outras regiões catarinenses (Vale do Itajaí, por exemplo), com a dinâmica de atividades turísticas passaram a figurar e assumir, crescentemente, dimensões não apenas de uma identidade, que se tentou construir entre estratégias de “fabricação do lugar” onde, aos poucos vêm sendo introduzidos nexos de urbanização. É o caso de Santo Antônio de Lisboa, Lagoa da Conceição, Pântano do Sul e São João do Rio Vermelho (LUPI & LUPI, s/d) em Florianópolis ou de outras localidades da sua região metropolitana.

As formas de especulação do turismo articulam desde negócios imobiliários e, principalmente, em nome de uma “grife” cultural e identitária, até nas híbridas associações público-privado que, fetichizando tradições e belezas paisagísticas de balneários praianos, promovem um sistema de imagens, constituindo-se no suporte da produção do espaço (habitação, lazer, eventos, recreação, gastronomia, etc.) a partir de uma organização que se impõe ao território. Esses nexos revelam como os processos de transformação social e ambiental adquirem significações para o espaço geográfico (“Sistema de Objeto e Sistema de Ação” in SANTOS, 1996), em que produtor e consumidor expressam organicidades pelas concretudes de cada lugar.

Nessas condições e principalmente sob a égide de tentáculos da globalização, hoje, Florianópolis e região mostram e cada vez mais se afirmam, em inserções ao mundo contemporâneo, numa articulação manifesta nas dimensões e ritmos de suas conexões.

A (re)descoberta do lugar para produzir “vocações” – inclusive, mercadorias espaciais no uso do solo, e em possíveis formas de geração de renda no visionário mundo do trabalho. O marketing do lugar e das suas possibilidades cria um modelo particular de ‘felicidade’, gerando paradoxos de convivências de personagens e objetos, notadamente no interior / balneários da Ilha de Santa Catarina, persistindo, ainda “pacificamente”, sob um tipo de desenvolvimento desigual e combinado. A base desta relação como já se disse, está assentada em ações cotidianas inspiradas em hábitos de descendentes luso-açorianos (do continente pelos vicentistas e do arquipélago) e nos traços de “forasteiros” temporários (turistas) ou daqueles em luta pela permanência legal e aos usos do território.

3. A Cidade de Florianópolis sob ‘URBAN(al)IZAÇÕES’

Como está dito em passagens anteriores, a perspectiva desta comunicação é a de oferecer algumas pistas, com as quais se pretende apresentar aspectos de uma dada formação socioespacial concreta, dentro do contexto nacional brasileiro, frente às condições que atualmente têm permitido certo tipo de desenvolvimento urbano. Assim como, discutir nesse processo o que vem promovendo a integração local-regional, as redes nacional e internacional, através de negócios, entre os quais se destacam aqueles ligados com atividades de turismo.

As reflexões aqui se direcionam, portanto, ao aprofundamento de temáticas que vêm sendo conduzidas por um recorte teórico-empírico, tendo por foco o significado que a urbanização brasileira expressa a partir da cidade de Florianópolis e sua região de influência. É a partir dessas abordagens, que se denomina a existência de URBAN(al)IZAÇÕES. Ou seja, decorre-se dessa perspectiva, o sentido em que se atribui à dinâmica territorial pelos ‘usos & abusos’ de recursos (ambientais e culturais) do e para o lugar, conduzidos em suas escalas, por processos contemporâneos de escala global.

3.1. ‘URBAN(al)IZAÇÃO’ do patrimônio cultural de base Luso-açoriano

Como já se disse, a influência de base luso-açoriana (portuguesa continental e insular) é uma marca na formação sócioespacial de Florianópolis, assim como de diversas comunidades do litoral do Estado de Santa Catarina. Há, também, presenças dessas influências no estado vizinho do Rio Grande do Sul. Sobre essa perspectiva histórica na formação brasileira, há inúmeras narrativas analíticas, principalmente de consagrados autores nacionais e portugueses, mas, por ora fogem aos propósitos deste texto resgatar minúcias bibliográficas.

Interessa-nos aqui é a apresentar algumas pistas de pontos para reflexões, com os quais se acredita que possam subsidiar explicações das problemáticas focadas e avançar nos debates que suscitem ou remetem aos conteúdos, em possíveis abordagens transdisciplinares.

Desse modo, a noção de espaço parece ser em princípio, aquele que permite minimamente, articular um conjunto de elementos formadores de um corpus conceitual, e a partir dele se acrescentar novas variáveis de abordagens, como aquelas associadas com dimensões empíricas. Grosso modo, fala-se de espaço associado à urbanização, a partir da própria noção de espaço geográfico, onde há a inter-relação entre elementos da natureza e da sociedade e que, portanto, através dessas noções se compreende como “sistema de objetos e sistema de ação” (SANTOS, 1996) se manifestam em diferentes escalas territoriais, como aqui em discussão, a partir da dimensão concreta que é a cidade de Florianópolis.

Assim, a problemática aqui em xeque está recortada a partir de como na história da cidade de Florianópolis, as marcas das influências recebidas pelos diferentes tipos de histórias da sua urbanização se apresenta podendo ser reconhecidas como sugere SANTOS (1994: 69), onde há “a história da socialização na cidade e a história da socialização pela cidade”. Nesse sentido, o enfoque sociocultural presente em múltiplas abordagens, pode ser o viés a partir do qual se almeja analisar a dimensão territorial do espaço geográfico florianopolitano, na contemporaneidade, com o qual estão alicerçadas historicamente, nos contextos deste estudo.

Grosso modo, é sobre características dessas relações que submetidas às condições de tempo-espaço realizam um movimento totalizador e que confere a Florianópolis, o caráter da sua especificidade dentro de um processo histórico mais geral, conforme a abordagem aqui encaminhada.

Nesse sentido, o enfoque da análise temática recortada e que se define no território, tem nas relações sociais da organização espacial nos últimos tempos, o que permitem enxergar através de alguns aspectos que as formas por si não revelam enquanto paisagem, mas que se (re)constrói a partir estruturas pré-existentes.

Através das atividades de turismo e, conseqüentemente, sua intrínseca condição de (re) produção urbana e de urbanidades, principalmente por inúmeras ações fundiárias, que a cidade de Florianópolis desenvolve e consolida padrões de turistificação como parte da “fabricação do lugar” ou “não lugar”, como é discutido por RODRIGUES (1997: 25-26). Esse aspecto é que está, no nosso entender, significativa parcela do que se atribui, atualmente, de ‘urban(al)ização’, pois, na sua realização por diferentes formas de empreendimentos (notadamente via segmentos imobiliários) como parte da produção do lugar, “a economia do tempo livre tendeu a se confundir com a urbanização, incorporando um espaço potencial de dinâmica urbana” (LAGO, 1996: 271), anunciando assim uma “certa ordem” a ser assimilada pelos diferentes usuários do território.

Diante desse contexto, a apologia à ideia de uma “vocação” e que sempre veio perseguida por ações públicas e privadas florianopolitanas e ou catarinenses tem, a partir das atividades de turismo, motivações para ascensão aos tentáculos dos negócios do tempo livre e ou a ele associados. Muito dos objetos geográficos como aqueles de bases culturais (patrimônio material e imaterial) passam a ser incorporados nessas tentativas de veicular a produção das mercadorias urbanas e de turismo, associados à maneiras de viver o lugar ou consumir lazer do lugar. É assim que a imagem de Florianópolis vem sendo mostrada e veiculada nas potencialidades, em diferentes ícones do lugar, como nos incentivos fiscais que são concedidos pela Prefeitura de Florianópolis aos empreendedores imobiliários na alocação de painéis artísticos, onde tem proliferado pela cidade pastiche de mosaicos com

motivos açorianos, que assumem assim uma espécie de logomarca ou até de *marketing* oficial / privado, incentivados pelas ações do poder municipal, associado a outras tantas publicidades.

Portanto, através de mecanismo e intencionalidades que o espaço incorpora formas de territorializações, através da multiplicidade de traços herdados, através de condições históricas determinantes. Podem, conforme Campos, estas formas manifestar naturezas relacionadas com práticas sócio culturais, destacando elementos identitários do que há, por exemplo, entre práticas coletivas e ou individuais entre populações do Arquipélago dos Açores e Florianópolis (ou no litoral catarinense), inclusive, com possíveis associações aos costumes de antepassados da Península Ibérica ou do próprio continente europeu (CAMPOS - avulso, 2012).

Nesse sentido, são essas marcas históricas do patrimônio cultural florianopolitano, que são apropriadas pelas dinâmicas engendradas como uma valorização do passado mas que, refuncionalizado, tenta dar conta em atender às exigências dos novos acontecimentos cotidianos, ditos como processo de desenvolvimento da sociedade.

É assim que lembra ABREU: “o passado das cidades brasileiras está sendo revalorizado e a preservação/recuperação/restauração do que sobrou das paisagens urbanas anteriores é um objetivo que vem sendo perseguido por inúmeros agentes, destacando-se aí os governos municipais” (1998: 8). É com essa “memória”, às vezes reconhecida por “memória urbana, que se busca com grande afã incorporá-la às formas modernas nas estratégias de consumos do lugar, como lócus coletivo, intersubjetivo, porém, cada vez mais torna-se altamente individualizantes e privatistas.

Florianópolis e a sua memória histórica de base luso-açoriana adquire, pelas dimensões da sua urbanização contemporânea, simulacros de práticas sociais, banalizadas, e muitas vezes desvinculadas das verdadeiras aspirações e vinculações que conferem valores comunitários. É preciso, quando se resgata o passado como memória urbana de uma cidade e ou de sua região, que é possível inseri-la em condições que o tempo e as modernidades exigem, mas, é necessário que se criem competências e comprometimentos de como se faz usos de expedientes dessa natureza.

3.2. Patrimônio Cultural de base Luso-açoriana sob os negócios da Turistificação

Já é notório, que cada vez mais a valorização do passado, notadamente de aspectos relacionado com a história da cidade e, conseqüentemente, com a história da sua urbanização, tornou-se uma característica comum para muitas sociedades (ABREU, 1998), com significativa tendência para diferentes finalidades culturais, econômicas e territoriais.

O conjunto de peculiaridades que dá marca a trajetória florianopolitana ou de muitas localidades do litoral catarinense tem sempre, em seus reconhecimentos, narrativas que identificam a hegemonia de influências luso-açorianas (do continente e do arquipélago), não obstante já houvesse outras etnias que no passado fizeram usos dos mesmos territórios.

Muitas vezes, por conta de como o estágio de desenvolvimento e ou inserção das populações e seus territórios estiveram subjugados, tanto a nível nacional como mundial, denota-se graus de compreensão e explicação de como dinâmicas sócioespaciais seguiram cursos históricos. Nem sempre, são narrativas que tencionam a seguir percursos com os quais a realidade seja apresentada dentro do verdadeiro sentido que se deveria conferir ao caráter analisado.

É assim, portanto, que muitas vezes “as populações de origem açoriana da região litorânea catarinense, além de se tornarem economicamente decadentes, são responsabilizadas, por parte das classes dominantes e do poder político-administrativo local/regional, como sendo as principais culpadas por sua própria situação. Vistas como atrasadas, serão depreciativamente retratadas e invisibilizadas pela historiografia em geral” (CAMPOS, 2009: 179).

Foi assim que muitas localidades do litoral catarinense e em Florianópolis em particular estiveram, em tempos passados (notadamente até a primeira metade do século XX), condicionadas a ritmos que relações socioeconômicas imputaram a muitos de seus segmentos sociais e suas bases territoriais. Isto levou, em várias situações, a certa desvalorização do caráter identitário. Em certos momentos conjunturais da vida nacional (chamada “Era Vargas” ou “Estado Novo”) no século XX, se buscou princípios de valorização nacionais com base em antecedentes culturais, que promovesse alguma “homogeneização” e promoção de um caráter de “brasilidade”, ameaçado pelas novas influências dos imigrantes e nas ideologias políticas internacionais. Vale salientar, que algo com similaridades estiveram acontecendo em Portugal, desencadeado em fases do período do Estado Novo e controlado pela ditadura implantada no governo de António Salazar (1932-1968), que foi substituído por Marcello Caetano, até a Revolução de 1974, quando se inicia a redemocratização do país.

Denota-se diante disto, a partir da realidade florianopolitana, que movimentos capitaneados por elites intelectuais locais, já na década de 1940 (vide FLORES, 1996 e 1998; FARIAS, 1985; BARBOSA & ESPINDOLA, 1992; LACERDA, 2003 entre outras referências) buscavam reverter aquele “quadro de inferioridades” que os distinguiu, se comparados a outros dinâmicos contextos catarinenses. Talvez, inspirados na História dos Açores e, conseqüentemente, no “Imaginário Nemesiano” para seu povo (vide MATOS, 2011), é possível que se perceba como,

sob outras perspectivas de realidades, há busca e resgate de uma identidade pelo ressignificado de “discursos de açorianidades” catarinenses.

Sob diferentes estratégias para afirmação do lugar e da cultura local e, posteriormente, a ser incorporado por novos tentáculos ditos de “modernização”, impulsionou-se por um certo período aquela dimensão identitária, como uma “revanche” das comunidades da faixa litorânea catarinenses à sua condição de uma aparente visibilidade, em que “essa idealização do açoriano, um misto de grandeza e submissão, ajudou à manutenção, expansão e engrandecimento de um conceito de açorianidade. Ajudou, também, ao açambarcamento de relações sociais e elementos culturais os mais diversos como sendo de gênese açoriana” (CAMPOS, 2009: 181-182).

E sob essa perspectiva de conteúdos aliados a outros de transformações da trajetória econômica nacional, que a dinâmica demográfica florianopolitana promove, nas últimas décadas do século atual (inclusive, com sintomas desde aquelas do final do século XX) não apenas alterações quantitativas no contexto de contingentes municipal como um todo, mas, de certo modo, no perfil dos espaços interioranos e praianos dos núcleos urbanos, como bem é discutido por Vieira Filho (1996: 12), nos textos da coletânea organizada por Pimenta (2005) e mais densamente por Souza Lago (1996). Nesse último autor, suas análises apontam como as transformações sócioespaciais vêm conduzindo “sujeitos no processo de urbanização na Ilha de Santa Catarina”, e que revelam não apenas modos de vida e identidades ameaçadas por consequências que trazem o modelo de desenvolvimento do turismo e a expansão urbana para as comunidades ditas nativas.

Desse modo, ritmos dessa aceleração caracterizam, portanto, a contemporaneidade de Florianópolis. Sinalizam, sob discursos metafóricos tautológicos, que a modernização sempre almejada é inevitável em todos os sentidos. Caso contrário, o “bonde da história” passa e, a ‘reboque’ os lugares da Ilha de Sana Catarina e entorno embarcam em mais uma tentativa da trajetória “sem vocação” e sem clareza de seu destino.

Nos discursos de *marketing*, por exemplo, já se disse e cada vez mais se repete que “...Ilha e Continente, um povo feito de muitos povos. As tradições convivem com o pós-moderno, a renda de bilro com o software, a tainha com o surf...” (GOMES, 1996), numa alusão a se querer induzir fetichezações para o estabelecimento de negócios (ligados ao turismo e ou a urbanização turística) em que há uma aceleração de tempos fundada na competitividade pela modernizações. Com isso, há um inventar contínuo, associando um passado com ritmos do presente em busca de identidades, no enquadramento de pessoas e lugares (BARBOSA & ESPINDOLA, 1992).

Nota-se como em todo esse caminhar enseja controvérsias no próprio sentido de “ser moderno”, da sua modernização ou da aceitação dessa modernização que vem sendo apregoada como possibilidade de se induzir ou de se gerar padrões ditos de “qualidade de vida”.

Aliás, nessa perspectiva é que LATOUR (1994) encaminha discussões frente às perplexidades que cercam o mundo na sua trajetória e conjuntura atual, e sob essas condições como se promovem com propriedade novas possibilidades de se pensar, também criticamente, o que é “ser moderno”. Grosso modo, em sua concepção e bases conceituais utilizadas, aquele autor aponta os paradoxos decorrentes dessa confusão de estilos utilizados para identificação de padrões comportamentais de segmentos sociais contemporâneos, algo muito presente como referência e modelo de sociedades.

Com efeito, percebe-se então que a realidade concreta e focada neste estudo tem, em suas “rugosidades” (grosso modo, digam-se, marcas do passado) e sob vieses do atual processo de globalização, sintonias com as quais se presta para demonstrar mudanças que estão sendo difundidas e ou induzidas no espaço geográfico florianopolitano, a partir de multiplicidades de combinações, traduzidas muitas vezes como “modernizações”. Nesses padrões de arranjos concebidos na ou para a cidade, criados sob diferentes condições de uma urbanização, eles visam atender funcionalidades associadas às lógicas externas que advêm, geralmente, e das influências que centros hierarquicamente inferiores vão assimilando, copiando e ou adaptando às “suas necessidades”. Os novos objetos geográficos nas paisagens aparecem como nexos locais que estabelecem sintonia ao movimento global.

O lugar, Florianópolis no caso e a sua região de influência, passam a irradiar uma imagem e conteúdos (... nas ruas, na cidade como um todo e pela urbanização – e adjetivações - em marcha...) cuja parcela de consumo transfere valor para as novas territorializações, como assim discute LENZI (2010) ou NÓR (2010), respectivamente nas especificidades de suas pesquisas enfatizando entre outras abordagens, aspectos das dinâmicas dos negócios turísticos e de urbanização de Florianópolis hoje. Outros ‘autores-pregoeiros’ anunciam a existência da “10ª Ilha dos Açores” (PACHECO, 2010) ou de uma “cultura gastronômica” (DE SOUZA: 2010; BOLINA: 2012, entre outros) em que o lugar oferece referência e conexões não necessariamente geográficas, mas que vão ao “encontro das origens” e, portanto, evidenciando visões e discursos sob apologias imaginárias, típicas da fetichizações turísticas.

Vale mencionar, que a veiculação da imagem à promoção florianopolitana aconteceu, inicialmente, através de um significativo e sazonal “boom” turístico, que passa a dar a base de sustentação com que o setor e as atividades se expandem centrados no segmento sol

e mar. Note-se que em função das peculiaridades de veraneio de Florianópolis e região, foco principal para expressivos fluxos de turistas nacionais (como gaúchos e paulistas) e estrangeiros (como argentinos), “a economia de tempo livre tendeu a se confundir com a urbanização, incorporando um espaço potencial da dinâmica urbana” (LAGO, 1996: 271).

Ante essas condições, os consumidores de “produtos turísticos” (como aqueles acima mencionados) passaram não apenas a frequentar com mais intensidade os verões florianopolitanos, mas, também, a ajudar nos processos de multiplicação de formas de demandas de diferentes mercadorias urbanas no espaço comercial local/regional. Com isso, crescentemente difundiram-se outras apologias à Florianópolis (e suas diferentes “FLORIPAS”) e aquelas ideias de cada vez mais se ‘empreender’ à nova e moderna “vocação” local, passou a reconhecer discursos oficiais, em segmentos da mídia em geral, como foi mencionado em passagens anteriores.

Aos poucos, acrescentou-se a esse movimento em direção à orla, uma indireta contribuição sob a também forma de *marketing*, através da valorização do passado da cidade, bem ao modo como lembra ABREU (1998), citado em passagens anteriores. No caso em tela, são as peculiaridades culturais do patrimônio herdado dos descendentes luso-açoriano.

Essa redescoberta principalmente transvestida de açorianidade está alicerçada nas investigações antropológicas difundidas pelo Professor Cascais (entre outras referências, vide CRAUSO, 1988) que, em seus estudos da cultura popular, notadamente folclóricos privilegiou o papel da “bruxologia” no imaginário do cotidiano ilhéu. E foi a partir dessa condição que se produziu à elevação de Florianópolis a categoria de “Ilha da Magia”, metáfora usadas em muitas campanhas publicitárias e difundidas primeiramente em todo país.

A esse espírito do sobrenatural se conjugam outros ingredientes da cultura popular, como das benzedeadas e figuras míticas do interior ilhéu, que têm servido de pretexto para projetos artísticos, literários e cinematográficos, como o filme “A Antropóloga” (ZECA PIRES, 2011), rodado em comunidade de descendentes de luso-açorianos, adjacentes à Lagoa da Conceição e zona de expansão de empreendimentos imobiliários. No próprio enredo dessa bonita peça cinematográfica, fica a sensação de que há conteúdos de “apelo” velado, ao consumo turístico. E, com certeza, não faltarão quem não queira se aproveitar desse filão que, ao estilo televisivo, proporcionalmente, publicitam e impulsionam os locais cenários de muitas novelas (Pantanal, Tieta, Gabriela, etc.) rodadas por redes brasileiras.

“A Antropóloga” é uma película cinematográfica que aborda “identidades açorianas”, bem diferentes de outras amplamente difundidas, como no filme “Seu Chico, um retrato”

(JOSÉ R. MAMIGONIAN, 2005), que procura documentar os enfrentamentos entre tradição X modernidades e as consequências das tendências de urbanização, em algumas comunidades do interior da Ilha de Santa Catarina e, no caso em xeque culminando com o assassinato de um antigo proprietário de gleba rural. Com o desaparecimento de “Seu Chico”, um pouco do que restava de elementos da memória material e imaterial de influências açorianas na região do Ribeirão da Ilha (ao sul de Florianópolis), como pesca, atividades agrícolas e agroindustriais de subsistência (produção de cachaça em antigo engenho de cana, farinha de mandioca entre outras práticas), também desapareceram.

Narrativas acerca daqueles tipos de comportamentos humanos e suas relações com o ambiente social e cultural num mundo em transformações podem servir, em parte, do entendimento da questão, conforme texto de Monteiro (2007). Enquanto isso, as pendências jurídicas ainda se arrastam até dias atuais. E aquelas glebas estão na mira de futuros empreendedores imobiliários.

Por outro lado, em recente FESTin – Festival de Cinema de Comunidades Portuguesa, acontecido em Lisboa (maio, 2012) onde o Brasil foi o principal homenageado, em uma dada sessão de mesa redonda sobre “cinema, turismo e *marketing*”, se discutiu questões entre as quais aquelas ligadas ao fomento de produção das peças cinematográficas e o “caráter educativo” na veiculação de imagens de lugares e suas relação com possíveis consumidores de turismo. O filme “A Antropóloga” foi citado, em meio às ponderações que o coletivo presente fez, sobre as expectativas que esse e muitos filmes têm em seus conteúdos e as relações com os possíveis desdobramentos por segmentos de negócios de culturas urbanas.

Esses ingredientes, aparentemente paradoxos, compõem quando redimensionados através de resgates de diferentes componentes identitários, que podem viabilizar elos de negócios, através de mecanismos de “fabricação do lugar”, conforme lembra a expressão em discussões realizadas por Benko (1994: 247) a que o lugar assume, intencionalmente, perspectivas de uma “vocação” consensualmente utilizada.

Por outro lado nota-se que, cada vez mais, o sentido de “ser açoriano”, de “açorianidade” ou de “lusso-açorianidade” vem ganhando múltiplas materializações, não apenas “como culto às raízes do passado açoriano, como discurso político, como narrativa de uma ideia de nação, demarcação de uma territorialidade ou afirmação regional de uma identidade categórica” (LACERDA, 2003: 11). Mas que, além das “memórias culturais” pelos inúmeros interesses e evocações (FARIAS, 1996 e PEREIRA, 1996), como exemplos que simbolizam “um apelo comunitário e a procura de uma identidade cultural reclamada e até disputada em diferentes contextos sociais” (LACERDA, Idem), de que se abordou em passagens anteriores.

Assim, como corpus etnográfico que se tornou horizonte para além de tradições notadamente populares e passou a se verificar, em dimensões locais / regionais não apenas com as inúmeras dezenas atividades e muitos de rótulos ou grifes comercial, o “movimento açorianista catarinenses” é, hoje, uma expressão cada vez influente e presente em inúmeras ações políticas de diferentes em buscas de identidades. Movimento polissêmico, parte de tradições religiosas do culto ressignificado ao Divino Espírito Santo, danças e brincadeiras folclóricas, artesanato, linguagens literárias e artísticas populares ou eruditas, arquitetura, gastronomia e outras tantos ofícios e dimensões de territorializações, cada vez mais urbanizadas. Simultaneamente, “convivem” nesse caldeirão cultural diferentes práticas e interesses, como tentativa híbrida de diferentes processos e ‘sentimentos nativistas’.

Esses elementos estão presentes em aguçada avaliação realizados por um olhar externo e comparadas suas dimensões a partir das bases originais ou em algumas práticas de outras localidades receptoras e de influências da ‘diáspora açoriana’ (LEAL, 1994 e 2007).

Mas, no âmbito catarinense tentativas de imprimir a força identitária em territórios e influências para além destes, apareceram nas últimas décadas nas e pelas estratégias de eventos tipo “AÇOR” – Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina (idealizada e organizada pelo NEA – Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC, ocorrendo anualmente, itinerante, desde 1993). De modo idêntico, aqueles eventos do “Ciclo do Divino” (institucionalizado a partir da Lei Municipal nº 8010/2009), com base nos tradicionais comemorações religiosas entre maio e setembro em diversas localidades litorâneas, foi também institucionalizados em Florianópolis a FENAOISTRA – Festa Nacional da Ostra e da Cultura Açoriana (também anual), que passou a disputar fluxos de turistas e promessa de geração de rendas, a partir de desdobramentos das “Oktoberfestas Catarinenses, como a MAREJADA – Festa Portuguesa e do Marisco, que se realiza (anualmente) na cidade de Itajaí (MACHADO, 1996: 241-260).

A base de muitos aspectos presentes nesses eventos é, de fato, rugosidades culturais que resistem nas comunidades apesar de rupturas, e algumas permanências de um passado sob influência de relações coloniais e de inspiração religiosa, em constante customização, aliada às estratégias de turistificação do lugar. Paralelamente, nas programações, remontam-se espetáculos que são encenados em cortejos etnográficos de figurantes coloniais ou lúdicas atividades folclóricas, numa espécie de representação e afirmação de identidade territorial (articula a produção cultural à população e à cidade), que até lembra uma espécie carnavalesca do acontecer local ou em outra dimensão, uma “disneyficação” do caráter comunitário, dita de vivência urbana ou urbanidades de hoje.

4. Considerações a Guisa de Conclusão

O mundo atual, como disponibilidade e como possibilidade, é expressão das relações produzidas pela sociedade, através de diferentes dimensões do espaço geográfico.

Assim, mediante certas condições, a dinâmica da sociedade imprime marcas em vários períodos históricos e em diversas escalas territoriais, revelando traços da trajetória dos lugares e de seu conjunto de paisagens. Muitas dessas marcas desaparecem, outras são ressignificadas, como “rugosidades” sob diferentes tipologias de ações antrópicas.

Neste estudo, aqui estão esboçadas algumas ideias e análises ainda rudimentares, que vêm sendo impulsionadas como temáticas de atividades acadêmicas. Tentam estabelecer nexos de ideias em um conjunto e seus respectivos sistemas de ações e temporalidades.

Tais discussões procuram partir do entendimento e interpretação do paradigma de Formação Sócio-espacial, delineado pelo geógrafo Milton Santos (1977) – fundamentado em conceitos e categorias teóricas marxistas e, inclusive, atualizadas por Sereni (1976), a caminho do que concebe como uma “totalização geográfica”.

Nas dimensões recortadas e aqui analisadas, a temática pinçada suscita preocupações com abordagens sobre / do lugar, na produção da cidade e do urbano, que ensejam novas caracterizações para além do viver num ambiente meramente físico localizável. Como diz Souza (1995: 65), “ser urbano hoje, já o sabemos, não significa mais viver no espaço físico da cidade. A questão urbana apresenta magnitude distinta. Cidade e Campo hoje não são mais complementares, mas confluentes”.

E é assim que, ao ressaltar a cidade (o concreto, o particular, o interno) o urbano (o abstrato, o geral, o externo) e a urbanização, Santos (1994: 68-72), assim como Borzacchiello da Silva (1977), Vasconcelos (1999), Monte-Mor (2006), Cidades/GEU (2009) entre outros, apontam perspectivas metodológicas de serem avaliados processos espaciais na produção capitalistas de territórios urbanos. Pois, em diferentes escalas se verificam as singularidades locais no contexto da “universalização do espaço” (SANTOS, 1984: 16) e a própria dimensão estabelecida pelos tentáculos da globalização, em cuja configuração territorial está a orientação de base mercantil.

Em Florianópolis, o caráter de suas inserções no movimento que integra arranjos contínuos e descontínuos, cria estratégias organizacionais e territoriais que incidem, proporcionalmente, pelas ações de agentes que conectam e transformam esse lugar/região num emergente “polo de expectativas”, como tentativas que se manifestaram frequentemente de produção de uma “vocaçãõ” para o lugar.

Nessa perspectiva, as reflexões fazem abordagens por temáticas afins à condição do lugar aludido, traduzida muitas vezes por uma questão “pós-moderna”, mas que tenta dar conta nas especificidades que são problematizadas.

Assim, coteja-se empiricamente sobre Florianópolis, perseguindo pistas do que Harvey (1992) discute sobre condições do mundo contemporâneo, amplamente retomado por vários autores como Gastal (2006), ao desenvolver suas discussões sobre “Alegorias Urbanas”. Nessa autora, encontram-se discussões de como o passado como subterfúgio engendra relação “tempo-memória” que alimenta práticas urbanas e desenvolve abordagens para além do econômico, tendo nos elementos sociais e culturais a mola propulsora de muitas práticas cotidianas de diferentes escalas espaciais no territórios das cidades e ou de suas áreas de influências, como as atividades turísticas.

É como diz Canclini (2011), ao tratar de processos culturais híbridos e de “modernismos sem modernização”, e que podem revelar condições sócio-espaciais a que Santos (1996) atribui como “espaços híbridos”. Nesses vieses, de “culturas híbridas” e ou de “espaços híbridos”, o estudo ora apresentado identifica e reconhece formas espaciais na realidade focada, a partir de “rugosidades” dos tentáculos da globalização.

É também nessas circunstâncias, que se analisa mesmo que parcialmente, como as condições de amenidades ambientais associadas aos conteúdos culturais passaram a servir nas elaborações de interesses diversos, em investimentos realizados e que vêm tornando “*marketings*” nos negócios cotidiano da vida local.

Com efeito, Florianópolis e a sua região ingressaram, nas últimas décadas, no mercado urbano-turístico e em todas as iniciativas do seu caráter sazonal e ou redimensionadas, não apenas na tentativa de viabilização do turismo no mercado brasileiro ou para consumidores do Mercosul, mas numa possível articulação desse bloco sul-americano com outros consumidores de lazer, turismo, urbanização e afins, e que fossem capazes de ser desencadeadores em decorrência de outras relações globais, como por exemplo, a partir de Portugal.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Maurício de Almeida. 1998. Sobre a Memória das Cidades. in Revista *TERRITÓRIO*, ano III, nº4: pp. 5-24.
- BARBOSA, Carlos Henrique e ESPINDOLA, Marcos Aurélio. 1992. *Identidade Açoriana: Um horizonte teórico. Subsídios para o estudo de enquadramento de indivíduo se comunidades*. Florianópolis, DH – CFH/UFSC (TCC).
- BENKO, Georges. 1996. *Economia Espaço e Globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec.
- BOLINA, Eduardo. 2012. *Turismo, Cultura e Gastronomia*, 1ª edição, Florianópolis, edição do autor.
- BORZACCHIELLO DA SILVA, José. 1997. Discutindo sobre a cidade e o urbano, in BRZACCHIELLO DA SILVA et al (orgs.). 1997. *A Cidade e o Urbano*. Fortaleza, pp. 85-92.
- CAMPOS, Nazareno José de. 2009. Açorianos do litoral catarinenses – da invisibilidade à mercantilização da Cultura, in Revista *ARQUIPÉLAGO*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, pp. 177-201.
- CAMPOS, Nazareno José de. . No prelo. Litoral Catarinense. O coletivo e o individual entre a população de origem açoriana, in *Cadernos Geográficos*, Florianópolis-SC, GCN/CFH – UFSC (inédito).
- CANCLINI, Nestor Garcia. 2011. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*, 4ªed., São Paulo, Edusp.
- CARUSO, Raimundo Campos. 1988. *Franklin Casaces – vida e arte e a colonização açoriana*. Florianópolis, EDUFSC.
- CIDADES: Revista Científica*. 2009. GEU, vol. 6 nº 10.
- FARIAS, Vilson Francisco. 1985. Mapeamento da cultura de base açoriana do litoral catarinense. IV Congresso de Comunidades Açorianas – ANAIS, Angra do Heroísmo, Açores, PT.
- FARIAS, Vilson Francisco. 1986. Dos Açores ao Brasil Meridional, in *Ô Catarina*, nº 18, p. 8.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos. s/d.A invenção da açorianidade, in *Cadernos do Noroeste*, Braga, vol. 11, pp125-147.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos. 1996. A invenção da açorianidade – Ponto de vista, in *Ô Catarina*, nº 18, p. 4.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos. 1997. A autoridade do passado, in *A Farra do Boi – Palavras, Sentidos e Feições*, Florianópolis, EDUFSC.
- GASTAL. Susana. 2006. *Alegorias Urbanas – O passado como subterfúgios*. Campinas, SP, Papirus Editora.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna – Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, São Paulo, Editora Loyola.
- LACERDA, Eugenio Pascele. 2003. *O Atlântico Açoriano – uma antropologia dos contextos globais e locais de açorianidade*, Florianópolis, PPAS-CFH/UFSC (Tese).
- LAGO, Paulo Fernando de Araújo. 1996. *A Polêmica Urbana*. Florianópolis, Fundação Franklin Casacaes / Palavra Comunicação.

- LATOURE, Bruno. 1994. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- LEAL, João. 1994. *As Festas do Espírito Santo nos Açores – um estudo de antropologia social*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- LEAL, João. 2007. *Cultura e Identidade Açoriana – o movimento açorianista em Santa Catarina*. Florianópolis, Editora Insular.
- LENZI, Maria Helena. 2010. *Das imagens à ausência. Das imagens, a ausência: um estudo geográfico sobre a ilusão do tempo nas imagens de Florianópolis*, Florianópolis, PPGG-UFSC (Dissertação).
- LUPI, João e LUPI, Suzana. s/d. *São João do Rio Vermelho – memória dos Açores em Santa Catarina*, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia.
- MACHADO, Ewerton Vieira. 1996. Festas de Outubro em Santa Catarina: notas para compreensão e suas influências na (re) organização do espaço, in LEMOS, Amália Inês Geraiges de. *Turismo: impactos socioambientais*, São Paulo, Hucitec.
- MACHADO, Ewerton Vieira. 2000. *FLORIANÓPOLIS – um Lugar em tempo de Globalização*. São Paulo, PPGGH / DG/FFLCH – USP (Tese).
- MACHADO, Ewerton Vieira. 2003. A inserção de Florianópolis na formação sócioespacial brasileira contemporânea, in, SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (org.), *Território Brasileiro - Usos e Abusos*, Campinas, SP, Territorial, pp. 240-257.
- MACHADO, Ewerton Vieira. 2008. (Re)arranjos socioespaciais na produção da ‘Região Metropolitana’ de Florianópolis: trajetórias e tendências, in. SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (org.), *A Metrópole e o Futuro*, Campinas, SP, Territorial, 229-243.
- MAMIGONIAN, Armen. 1958. Florianópolis: habitat rural, in, *Atlas Geográfico de Santa Catarina*, Florianópolis, CNG/DEGC-SC.
- MAMIGONIAN, José Rafael. 2005. *Seo Chico, um retrato*, Cinemateca Catarinense e Atalaia Produções.
- MATOS, Paulo Jorge Augusto. 2011. *O povo no imaginário Nemesiano*, Lisboa, Edições Colibri / IELT – FCSH/UNL.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. 2005. Florianópolis: o direito e o avesso, in, PIMENTA, Margareth de castro Afeche, *Florianópolis – do outro lado do espelho*, EDUFSC, pp. 7-34.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O homem arcaico e a sacralização da terra: conjecturas geográficas e evocações filosóficas a propósito do documentário ‘Seo Chico, um retrato’ de José Rafael Mamigonian, in, *GEOSUL*, v. 11, nº43, pp. 7-33.
- NÓR, Soraia. *Paisagem e lugar como referências culturais: Ribeirão da Ilha – Florianópolis*, Florianópolis, PPGG/UGSC (Tese).
- PACHECO, Joel. s/d. *Florianópolis a 10ª Ilha dos Açores*. Florianópolis, edição do autor.
- PEREIRA, Nereu do Vale. 1996. Herança Açoriana, in, *Ô Catarina*, nº 18, p. 9.
- PIMENTA, Margareth de castro Afeche (org.). 2005. *Florianópolis – do outro lado do Espelho*, Florianópolis, EDUFSC.
- PIRES, Zeca Nunes. 2011. *A Antropóloga*, Florianópolis, Cinemateca catarinense, Mundo Imaginário e UFSC (apoio institucional).

- RODRIGUES, Adyr A. Balastrieri. 1997. *Turismo e Espaço – Rumos a um conhecimento transdisciplinar*, São Paulo, Hucitec.
- SANTOS, Milton. 1977 e 1979, respectivamente. A formação social como teoria e como método, in *ANTIPODE*, nº1; *Boletim Paulista de Geografia*, nº 54 e *Espaço e Sociedade, Petrópolis, Vozes*, pp. 9-27.
- SANTOS, Milton. 1983. *Espaço e Método*, São Paulo, Nobel.
- SANTOS, Milton. 1994. *Técnica Espaço Tempo – Globalização e meio técnico-científico informacional*, São Paulo, Hucitec.
- SANTOS, Milton. 1996. *A natureza do espaço. Técnica e tempo, Razão e Emoção*, 1ª edição, São Paulo, Hucitec.
- SERENI, Emílio. 1976. La categoría de formación económico-social, in, LUPORINI et al, *El concepto de formación económico-social*, Cuadrenos de Passado y Presente, nº 39, pp. 55-95.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. 1992. Conexões geográficas – um ensaio crítico ao conceito de rede e hierarquia urbana, in, *Boletim Paulista de Geografia*, nº 71, pp. 113-127.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. 1995. O novo Brasil urbano: integração ou fragmentação, in, GONÇALVES, Maria Flora (org.), *O Novo Brasil Urbano – Impasses, Dilemas e Perspectivas*, Porto Alegre, Mercado Aberto.
- SOUZA LAGO, Mara Coelho. 1996. Modos de Vida e Identidade. Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, EDUFSC.
- VEIGA, Eliane Veras da. 2010. *Florianópolis, memória urbana*, 3ª edição, Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. 1999. A Cidade, o Urbano o Lugar, in, *GEOUSP*, nº 6, pp.11-15.
- VIEIRA, Dalmo. 1996. Uma leitura dos núcleos urbanos, in, *Ô Catarina*, nº 18, p. 12.